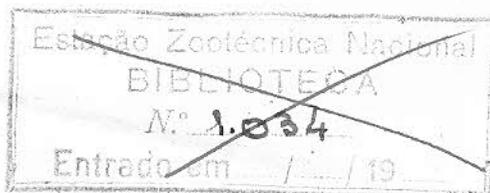
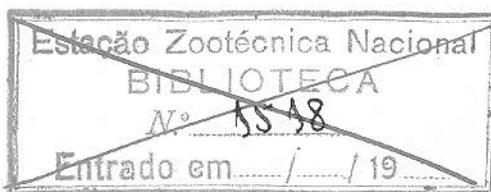


BOLETIM PECUÁRIO



INTENDÊNCIAS DE PECUÁRIA DE VILA REAL E CHAVES

(DISTRITO DE VILA REAL)

OS TRABALHOS DE MANIFESTO

Ao iniciarmos os trabalhos do *Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira* tínhamos impressão de que íamos deparar com um enorme desfalque nos efectivos pecuários do distrito de Vila-Real, que compreende as áreas das Intendências de Pecuária de Vila-Real e Chaves, não só porque a agricultura desta região trasmontana tinha acabado de atravessar uma crise durante a qual o desgaste das espécies pecuárias alimentares foi um dos problemas mais importantes, como também por desconhecermos as condições de trabalho de que foi rodeado o arrolamento de 1934, isto é, por ignorarmos se nesse ano haviam sido empenhados todos os meios ao alcance destes Serviços e se o número de declarações teria correspondido aos esforços empregados.

Neste estado de espírito fizemos interessar tôdas as autoridades civis e eclesiásticas, a imprensa periódica de Vila-Real e de Chaves, alguns professores primários, que benèvolamente aceitaram o encargo de divulgar a utilidade e o fim patriótico dêste arrolamento, e inúmeras individualidades, entre as quais todos os possuidores de bovinos leiteiros registados nos serviços da campanha profilática contra a tuberculose.

Os resultados testemunham, com raras excepções, a larga colaboração dispensada por tôdas as entidades a quem nos dirigimos, merecendo especial menção as autoridades civis e eclesiásticas dos concelhos de Alijó, Boticas, Chaves, Mesão-Frio, Mondim de Basto, Montalegre, Murça, Pêso da Régua, Sabrosa, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar e Vila-Real.

As declarações das freguesias de Cever, S. João e S. Miguel de Lobrigos e Fontes, do concelho de Santa Marta de Penaguião, e as de Alvadia, Canedo, Santa Marinha e Salvador, do concelho de Ribeira de Pena, só foram obtidas após longos e aturados esforços em virtude do desinterêsse manifestado pelos respectivos regedores.

Ao Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ribeira de Pena se deve em boa parte o resultado obtido neste concelho; se não fôra êle, baldados teriam sido os nossos esforços junto das regedorias já designadas.

Mais uma vez os boateiros se encarregaram de divulgar que a finalidade dêste arrolamento era a aplicação de contribuições, mas a sua influência foi consideravelmente diminuída, já porque os partidos veterinários são agora mais numerosos que em 1934, e as populações possuem melhor compreensão dêstes trabalhos e mais disciplina, já também porque a Intendência de Pecuária de Vila-Real, que nestes dois últimos anos alargou e intensificou a sua assistência técnica, se tornou mais conhecida das populações rurais, donde uma melhor e mais franca colaboração. Contudo em algumas freguesias, especialmente na de Cever, do concelho de Santa Marta de Penaguião, os habitantes estavam inteiramente convencidos de que êste arrolamento se destinava à aplicação de impostos, pelo que muitos dêles se esconderam em casa com os animais, para os não manifestarem; só após longos esforços e complicadas explicações se resolveram a preencher e a assinar as declarações.

Cumprê relatar a acção dos veterinários municipais neste arrolamento, de tôdas as autoridades intervenientes as que melhor souberam levar a cabo a missão de grangear o maior número possível de declarações e que, fiscalizando o conteúdo dos manifestos entregues, procederam a inúmeras rectificações de alta valia para o apuramento dos efectivos específicos e categorização dos gados.

A colaboração dispensada pelos veterinários municipais de Alijó, Chaves, Pêso da Régua, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar e Vila-Real foi, pelas razões expostas, altamente valiosa e decisiva nos resultados obtidos.

Dos relatórios entregues por êsses funcionários destaca-se, por mais completa e pormenorizada informação, o do veterinário de Vila Pouca de Aguiar.

Manifestantes — Foram entregues pelas autoridades veterinárias e administrativas do distrito de Vila-Real 37.971 declarações, 17.501 das quais pertencentes aos concelhos da Intendência de Pecuária de Vila-Real e 20.470 aos dos da Intendência de Pecuária de Chaves, correspondentes umas e outras a iguais números de manifestantes, verificando-se, relativamente ao arrolamento de 1934, um aumento de 2.034 declarantes na área da de Vila-Real e 1.005 na da de Chaves.

Para melhor interpretação das variações em cada concelho no que respeita ao número de manifestantes em 1934 e 1940, dividimo-los nos seguintes grupos:

Intendência de Pecuária de Vila-Real

Diferenças para mais:

1.º Grupo:

Alijó	651	manifestantes
Mondim de Basto	75	»
Murça	15	»
Pêso da Régua	146	»
Sabrosa	370	»
Vila-Real	640	»

2.º Grupo:

Santa Marta de Pena-
guião 147 manifestantes

Diferenças para menos:

1.º Grupo:

Mesão-Frio 10 manifestantes

Intendência de Pecuária de Chaves

Diferenças para mais:

1.º Grupo:

Chaves 102 manifestantes
Montalegre 741 »
Valpaços 115 »
Vila Pouca de Aguiar 188 »

Diferenças para menos:

1.º Grupo:

Boticas 14 manifestantes

2.º Grupo:

Ribeira de Pena 127 manifestantes

Nos primeiros grupos das diferenças para mais e para menos figuram os concelhos onde tôdas as autoridades civis e eclesiásticas e os veterinários municipais, já indicados anteriormente, colaboraram no sentido do arrolamento exprimir, quanto possível, as existências reais dos gados e animais de capoeira, fazendo interessar nisso todos os seus possuidores, que agora vivem numa mais elevada atmosfera de disciplina social e compreendem portanto melhor a finalidade dos trabalhos desta natureza.

As variações positivas dos primeiros grupos, a par da melhoria disciplinar das populações, representam também a recompensa moral do interesse manifestado por tôdas as autoridades, muito especialmente os veterinários municipais e regedores, e não, de uma maneira geral, aumento do número de possuidores de gado e animais de capoeira de 1934 para cá.

No início das nossas considerações sobre o arrolamento que acabámos de dirigir, tivemos oportunidade de frisar a importância dos diversos factores sociais e morais nos resultados obtidos e no decorrer deste relatório teremos mais uma vez de repetir a sua importância.

Nos primeiros grupos das diferenças para menos figuram os concelhos de Mesão-Frio e Boticas, respectivamente com menos 10 e menos 14 manifestantes.

Estas variações negativas, em nossa opinião, não representam que as autoridades administrativas tenham votado menos atenção aos trabalhos de manifesto, e por isso mesmo incluímos êsses dois concelhos nos primeiros grupos com as considerações já feitas para os que melhor satisfizeram. A forma como foram apresentadas as declarações, bem ordenadas por freguesias, e a clareza do seu conteúdo demonstram o cuidado dispensado pelos regedores e pelos Chefes das Secretarias das Câmaras Municipais de Mesão-Frio e Boticas, cuidado confirmado pelas informações colhidas nesses dois referidos concelhos.

Nos segundos grupos das diferenças para mais e para menos estão incluídos os concelhos de Santa Marta de Penaguião e Ribeira de Pena, precisamente aquêles onde alguns regedores, com mostrarem o maior desinterêsse pelos trabalhos do arrolamento, comprometeram os resultados dêste e onde a Intendência de Pecuária de Vila-Real teve de empregar larga actividade para atenuar na medida do possível os efeitos de tão perniciosa attitude.

Êstes factos foram mais que suficientes para, no estudo das causas das variações, isolarmos em grupo especial os concelhos de Santa Marta de Penaguião e Ribeira de Pena.

Cabem às oscilações positivas e negativas observadas nas freguesias as mesmas causas e efeitos, salvo naquelas onde à diminuição de manifestantes corresponda diminuição de animais manifestados de determinada espécie ou espécies, único caso em que não são de aplicar as considerações anteriores sôbre os motivos das variações. Como exemplo desta excepção apontamos o menor número de manifestantes na freguesia de Pêso da Régua, cuja causa se há-de atribuir a medidas de hygiene municipal, que proíbem a engorda de porcos na sede do concelho.

EFECTIVOS PECUÁRIOS

Os efectivos pecuários nas áreas das Intendências de Pecuária de Vila-Real e Chaves totalizaram 410.424 cabeças de gado e 254.116 animais de capoeira, avaliados, respectivamente, em 104.375.275\$00 e 1.720.718\$00.

Esta riqueza encontra-se assim distribuída:

Intendência de Pecuária de Vila Real

98.178 cabeças de gado	27.622.275\$00	
103.368 animais de capoeira	718.574\$00	28.340.849\$00
	<hr/>	

Intendência de Pecuária de Chaves

312.246 cabeças de gado	76.753.000\$00	
152.748 animais de capoeira	1.002.144\$00	77.755.144\$00
Total.....		<hr/> 106.095.993\$00

Em confronto com o arrolamento de 1934, verifica-se que, relativamente aos gados, na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real houve aumento de 7.333 cabeças naturais, ou sejam mais 1.385,8 cabeças normais. Apuraram-se também, relativamente a 1934, mais 9.822 animais de capoeira.

Notam-se diferenças para mais em tôdas as espécies menos na dos caprinos, que sofreram uma diminuição de 2.226 cabeças. A maior diferença positiva foi na espécie ovina, com 8.399 cabeças, e a menor nas muares, com mais 78 cabeças.

Na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real os concelhos com maiores diferenças para mais foram, por ordem decrescente, os de Alijó, Vila-Real e Sabrosa; e com maiores diferenças para menos os de Pêso da Régua, Mondim de Basto e Santa Marta de Penaguião.

A conversão de cabeças naturais em cabeças normais coloca nas diferenças para mais, por ordem decrescente, os concelhos de Alijó, Vila-Real, Sabrosa e Murça; e nas diferenças para menos os de Pêso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Mondim de Basto e Mesão-Frio.

Na área da Intendência de Pecuária de Chaves os resultados foram mais satisfatórios; o aumento em cabeças naturais foi de 27.064, isto é, mais de 6.353,4 cabeças normais.

Nos animais de capoeira houve um aumento de 21.324 unidades.

Em tôdas as espécies se verificaram também diferenças para mais, exceptuada a dos caprinos, com a insignificante diferença de 8 cabeças para menos.

O maior aumento pertence à espécie ovina, com mais 19.590 cabeças, e o menor ao gado muar, com mais 173 cabeças.

Apresentaram maiores diferenças para mais, por ordem decrescente, os concelhos de Valpaços, Vila Pouca de Aguiar e Chaves, e diferenças para menos o concelho de Ribeira de Pena.

Reduzindo as cabeças naturais a cabeças normais, os concelhos ficam colocados, nas diferenças para mais, pela ordem que segue: Chaves, Vila Pouca de Aguiar, Valpaços, Boticas e Montalegre.

Nas diferenças para menos está isolado o concelho de Ribeira de Pena.

É animador o estado da indústria pecuária nos concelhos de Chaves, Valpaços, Vila-Real e Alijó e estacionário nos restantes concelhos.

O concelho de Vila Pouca de Aguiar, que pelas cifras apuradas dá impressão dum estado satisfatório da sua pecuária, é considerado pelo respectivo veterinário municipal em estado estacionário; aquêlê técnico calcula que de 1934 para cá tenham desaparecido, só em caprinos, 13.649 cabeças, e que o efectivo tenha também diminuído alguns milhares de cabeças.

Apresenta ainda o mesmo técnico, como dificuldades ao desenvolvimento da pecuária no concelho de Vila Pouca de Aguiar, o terem-se votado à cultura da batata muitos lameiros e não se ter conciliado o interêsse dos povos com o florestamento dos baldios.

O aumento verificado nesse concelho deve-se sobretudo à melhor direcção nos trabalhos do arrolamento na área daquele município e à maior compreensão dos possuidores de gados e animais de capoeira, dois factos suficientes para supri-

mirem as deficiências do penúltimo arrolamento, deficiências que, salvo raras excepções, se repetem sempre que se trata de concelhos desprovidos de partido veterinário, como o de Vila Pouca de Aguiar em 1934.

As causas das principais diferenças podem resumir-se assim:

Diferenças para mais

- 1.º — Existência de maior número de partidos veterinários.
- 2.º — Maior disciplina social, melhor direcção técnica e melhor colaboração das autoridades civis e eclesiásticas nos trabalhos de manifesto.
- 3.º — Elevado espírito de sacrifício da lavoura na guarda do seu capital pecuário através da crise que antecedeu o actual revigoreamento dos preços dos gados, e, após êste, a intensificação da cria e recria.

Diferenças para menos

- 1.º — Desinterêsse de alguns regedores pelos serviços do arrolamento.
- 2.º — Posturas municipais proibitivas ou dificultantes do apascentamento dos rebanhos, especialmente dos caprinos, ou impeditivas da engorda dos suínos nas sedes dos concelhos.
- 3.º — Crise agrícola e pecuária em 1937, em 1938 e em princípios de 1940.
- 4.º — Murmuração de que o *Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira* se destinava à aplicação de impostos.
- 5.º — Características agrícolas especiais dos concelhos da região duriense.
- 6.º — Doenças rubras.

NÓTULA SÓBRE A ECOLOGIA PECUÁRIA

As áreas das Intendências de Pecuária de Vila-Real e Chaves estão compreendidas no distrito de Vila-Real, que na província de Trás-os-Montes e Alto Douro ocupa uma área de 4.238,20 Km.² distribuídos por 14 concelhos.

A Intendência de Pecuária de Vila-Real, à qual cabem 1.360,12 Km.², abrange os concelhos de Alijó, Mesão-Frio, Mondim de Basto, Murça, Pêso da Régua, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião e Vila-Real; à Intendência de Pecuária de Chaves, com 2.878,08 Km.², pertencem os concelhos de Boticas, Chaves, Montalegre, Ribeira de Pena, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar.

O distrito de Vila-Real é limitado ao Norte pela Galiza, com a qual confina pelos concelhos de Montalegre e Chaves; a Nascente pelo distrito de Bragança, do qual se separa a Sul pelo rio Tua, afluente do Douro; ao Sul limita-o o rio Douro, que nasce na serra do Urbion (Espanha), estrema a província a Nascente ao longo da fronteira para se encurvar seguidamente na direcção Nascente-Poente, sempre num percurso atormentado e caracterizado por violentas quedas ou cachões até à região duriense dêste distrito, onde o leito, mais suave, lhe modera a velocidade das águas, e alarga depois em Pêso da Régua no vale mais lindo da região, o vale de

Godim; a Poente o distrito de Vila-Real confronta com o distrito do Pôrto, do qual o Marão o separa, e com o distrito de Braga, dividido dêste pelo rio Tâmega, nos concelhos de Mondim de Basto e Ribeira de Pena, e pelas serras de Alturas, Gerez e planaltos da região de Barroso, nos concelhos de Boticas e Montalegre.

Êste vastíssimo território compreende duas grandes zonas agrícolas: a zona meridional ou duriense, incluída na Terra Quente; a zona setentrional ou tras-montana, com as regiões orientais dos concelhos de Murça, Valpaços e Chaves ainda na Terra Quente e todo o resto do distrito na Terra Fria.

A transição da Terra Quente para a Terra Fria, suave em algumas partes, faz-se noutras bruscamente e não são raros num concelho, e até mesmo numa freguesia, os encravamentos da Terra Quente na Terra Fria e vice-versa.

A primeira divisão satisfaz melhor, em conjunto, à descrição da exploração agrícola e pecuária, motivo por que optamos por ela.

REGIÕES PECUÁRIAS

Nesta ordem de idéias consideramos no distrito três regiões pecuárias, a saber:

Primeira região pecuária — compreende a zona duriense, constituída pelos concelhos de Mesão-Frio, Pêso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Sabrosa, Alijó e algumas freguesias dos concelhos de Murça e Vila-Real.

Segunda região pecuária — constituída pelos planaltos e montanhas desde as serras do Marão, Alvão e Padrela até à fronteira na região de Barroso.

Terceira região pecuária — formada pelo concelho de Valpaços, pelo território do concelho de Chaves desde os planaltos a noroeste da veiga até ao concelho de Valpaços e pelo da fronteira da Galiza à sub-região agrícola denominada Ribeira de Oira.

A paisagem agrícola, subordinada à natureza do solo, hidrografia e orografia, exposição dos acidentes e orientação dos vales, ao clima e outros factores de ordem geográfica e histórica, toma aspectos variados em todo o distrito.

Primeira região pecuária (zona sul ou duriense) — Os seus limites com a região trasmontana são, do Sul para o Norte, as freguesias dos concelhos de Mesão-Frio, Pêso da Régua e Santa Marta de Penaguião em contacto com a vertente sul do Marão; no concelho de Vila-Real o seu limite corresponde ao encontro dos xistos câmbricos com os granitos nas encostas da parte sul dêste concelho; nos concelhos de Sabrosa e Alijó raras são as freguesias que não fazem parte da região duriense (estão excluídas apenas as que se encontram na parte norte dêstes concelhos, já na Terra Fria); no concelho de Murça só quatro freguesias fazem parte da região duriense, no vale do Tinhela até ao rio Tua.

Nesta região, aproximadamente de 805,24 Km.² e formada por uma série de acidentes orográficos médios percorridos pelos vales dos rios Corgo, Pinhão e Tua, afluentes da margem direita do Douro, e do Tinhela, afluente do Tua, o solo é na sua maior parte constituído por xistos precâmbricos; o granito aparece em poucas zonas e o silúrico surge em delgada faixa no concelho de Mesão-Frio até Barqueiros como prolongamento do silúrico maronês.

A constituição do solo, inerente à sua natureza e xistosidade, a feição do clima, caracterizado essencialmente por verões quentes e secos, a óptima exposição de todos os acidentes orográficos, que facilita a boa maturação das uvas, conferem a esta região condições excepcionais para a cultura da vinha, que absorve, por assim dizer, tôdas as actividades da lavoura duriense.

Nesta região, onde se produzem os vinhos mundialmente conhecidos por vinho do Pôrto, a terra, desejada como minério raro, é conquistada palmo a palmo e a vinha trepa pelos socalcos dos montes em equilíbrio de rara beleza.

Ao lado da vinha aparecem a oliveira, a laranjeira (a laranja de S. Mamede de Riba-Tua gosa de larga e merecida fama), a amendoeira, o sobreiro, etc.

Produz-se ainda nesta região, mas em quantidade insuficiente, o milho, o centeio, o trigo, a batata e os mais diversos produtos hortícolas.

Na região duriense a propriedade, explorada e especializada na produção do vinho do Pôrto, toma o nome de quinta — a quinta duriense com a sua casa, armazéns e lagares, de vida independente do monte ou de outras terras destinadas a cultura de regadio. Se a quinta está situada à beira dum rio ou ribeiro, então a horta e os milharais acompanham a vinha junto das margens dos cursos de água, já porque os terrenos são mais frescos e permeáveis, já porque a rega é fácil e económica.

A área baldia está nesta região extraordinariamente reduzida em flagrante contraste com a sua vastidão na zona trasmontana.

As características do solo e da sua exploração e a falta de pastagens naturais e de lameiros não permitem a esta região desenvolvimento pecuário; é uma região deficitária, de reduzido valor na criação e recriação das diferentes espécies domésticas e que importa, exclusivamente para as suas necessidades imediatas, gado da região trasmontana, do outro lado do Douro e da província do Minho.

Os cabalinos e as muares estão fracamente representados; mais frequentes são os asininos por menos exigentes na alimentação, o que está de harmonia com a penúria de forragens.

Os bovinos de trabalho, maroneses na sua maior parte, raros os paivotos, são importados, respectivamente, da zona trasmontana e da região fronteira na margem esquerda do Douro, coincidindo essa importação com a época das vindimas. A alimentação destes animais, de baixo valor nutritivo, reduz-se a fôlhas e colmos de milho, um pouco de feno e um lambisco de erva dos valados.

Ao cabo da sua missão, isto é, depois de terminados os serviços agrícolas mais intensos na região, os bovinos de trabalho são vendidos para engorda aos negociantes de Vila-Real e do distrito do Pôrto, onde geralmente são abatidos depois de gordos.

À volta dos grandes centros populacionais avultam as vacas turinas, exploradas unicamente na produção de leite. A sua alimentação, também dificultada pela exploração especial da propriedade duriense, é no entanto mais farta que a dos bovinos de trabalho.

Nos concelhos de Pêso da Régua e Santa Marta de Penaguião as vacas turinas concentram-se mais nas freguesias do norte dêsses concelhos, junto às ver-

tentes do Marão, onde o solo, pela sua constituição e frescura, permite o desenvolvimento das ervagens e a cultura do milho.

A exploração do gado ovino e caprino está também bastante reduzida na região duriense, não só pela dificuldade de sustentar grandes rebanhos, como também por a sua exploração ser estorvada pelas posturas municipais e pela aplicação de taxas elevadas. A alimentação destas espécies resume-se à erva dos valados e dos montes onde a vinha não chega, e depois das vindimas às parras e erva das terras povoadas pela videira.

A exploração dos suínos, bastante espalhada na região, tem o aspecto doméstico sem qualquer fim industrial. Os restos de comida, a água com farelos, a batata (esta bem pouca) e algumas espécies hortícolas constituem a base da alimentação dos porcos.

Segunda e terceira regiões pecuárias (zona norte ou trasmontana) —

No vasto espaço que se dilata da zona duriense à fronteira da Galiza, consideramos duas regiões pecuárias distintas. A primeira, constituída pelas freguesias dos concelhos da região duriense nela não incorporadas, pelos concelhos de Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Mondim de Basto, Boticas e Montalegre, pelas freguesias ao norte da veiga de Chaves junto dos planaltos da região de Barroso e pelas que compõem a sub-região agrícola denominada Ribeira de Oura, no concelho de Chaves, é solar das raças bovinas barrosã e maronesa, sua principal característica pecuária, e território de cria e cria de eqüinos (de marca e de garranos), de produção mulateira e de ovinos bordaleiros churros; na segunda, formada pelo concelho de Valpaços para além dos montes junto da Padrela e pelas freguesias do concelho de Chaves não incluídas na anterior, explora-se na produção de trabalho o gado bovino mirandês, importado do distrito de Bragança, e cria-se o ovino bordaleiro denominado badano da terra quente.

O vasto território compreendido por estas duas regiões pecuárias é caracterizado por vários acidentes orográficos de elevada altitude: as serras do Marão (1.415 m.), Alvão (1.310 m.), Padrela (1.147 m.) e seus contrafortes, que abrangem sobretudo os concelhos de Vila-Real e Vila Pouca de Aguiar; os planaltos e montanhas do Barroso (concelhos de Boticas e Montalegre), autêntico maciço até à fronteira da Galiza dominado pela serra das Alturas (1.279 m.), a ocidente, pelas do Gerez (1.300 m.) e Larouco (1.525 m.), a norte, e pela do Leiranco (1.155 m.), a nascente. Para os lados da Terra Quente estendem-se as altitudes que ligam o concelho de Murça à serra de Passos, e os planaltos de Valpaços, que se prolongam até às alturas que no concelho de Chaves dominam a sua ubérrima e linda veiga, no vale do Tâmega.

As serras e os planaltos, pontos de concentração das chuvas, são a origem de numerosos rios e ribeiros que serpenteiam pelos vales trasmontanos, êstes ora de encostas alcantiladas, talhadas a pique e com a rocha nua e descarnada, ora largos e suaves onde se depositam os materiais desagregados das serras e dos planaltos, para ali arrastados pelas enxurradas.

Destacam-se pela sua extensão, fertilidade e importância agrícola o vale do

rio Tâmega (veiga de Chaves), o vale da ribeira de Terva, em Boticas, e o vale de Vila Pouca de Aguiar.

A rêde hidrográfrica é numerosa e representada a norte pelos rios Cávado, Bessa, Rebagão¹, Tâmega, Calvo, Rabaçal e Torto; a sul pelo Tinhela, afluente do Tua, e pelo Pinhão e Corgo, afluentes do Douro. Numerosos ribeiros afluem aos rios principais da zona trasmontana.

As formações graníticas dominam em quasi todo o território do sul e do norte da zona trasmontana, onde a rocha emerge, aqui e além, no Marão, no Alvão e na região de Barroso. Os granitos estendem-se ainda pela região de Chaves até Valpaços, onde surge o arcaico. Desde o granito porfiróide, com quartzo cinzento e cristais de ortose, ao granito comum de duas micas, a variedade é grande.

Da desagregação dos granitos resulta um solo saibrento, de grãos grosseiros umas vezes, de grãos médios ou finos, outras. O solo, permeável, deixa-se infiltrar facilmente pelas chuvas, as quais formam reservas aquíferas sôbre a rocha do sub-solo, que dão origem a numerosas nascentes. A terra vegetal é leve e facilmente penetrável pelos instrumentos aratórios.

Nos terrenos arcaicos aparecem os mais diversos xistos, o gneisse e os mica-xistos. A camada arável é muito delgada.

Os xistos precâmbricos acompanham os granitos na bacia de Campeã, junto ao Marão, em Vilarinho da Samardã, em Boticas, em Montalegre, etc.

Os terrenos primários, representados pelas formações silúricas, aparecem na serra do Marão, da qual parte uma faixa que atinge a freguesia de Barqueiros, no concelho de Mesão-Frio, já na região duriense. Formados por quartzitos cobertos por uma camada de xistos a que se associam os calcáreos e as lidites, os solos são duros e compactos.

Os calcáreos das formações silúricas do Marão constituem depósitos importantes na freguesia de Campanhó, do concelho de Mondim de Basto, e na da Campeã, do concelho de Vila-Real, onde em ambas está em pleno desenvolvimento a indústria da cal.

Na veiga de Chaves, no vale do Tâmega, os terrenos graníticos são cobertos por um afloramento pliocénico formado de camadas de seixos rolados ou angulosos cobertos por uma areia fina e micácea e esta sobreposta por uma outra camada de areia ligada por uma argila ferruginosa. Esta composição das terras da veiga de Chaves — terras fundas de aluvião — permitem o emprêgo de uma grande variedade de plantas nos afolhamentos e a exploração das culturas de grande rendimento.

O solo trasmontano é muito pobre de cal e ácido fosfórico, pelo que as culturas de grande rendimento ocupam lugar secundário.

A cadeia montanhosa que a ocidente subtrai, até certo ponto, esta zona às influências atlânticas moderadoras, impõe um clima bastante áspero, caracterizado por invernos muito frios e regularmente pluviosos e verões muito quentes. No

1 — Não há uniformidade no nome dêste curso de água. Nas cartas e nos escritos, salvo os dos últimos tempos, que o mencionam, encontra-se Rabagão; há também quem pretenda que o verdadeiro nome é Revagão, mas no Barroso, onde êle nasce, tôda a gente lhe chama Rebagão.

estio a temperatura é mais moderada no maciço do Barroso e nos altos das montanhas.

Nos vales abrigados e de melhor exposição o clima é menos rigoroso durante o Inverno e mais quente no Verão.

O panorama agrícola, pela falta de harmonia climática, pela diversidade da situação geográfica dos terrenos e da sua topografia, pela variedade das condições geológicas e agrológicas do solo e ainda pela forma como é explorada a terra, oferece algumas manchas culturais bem diversas da uniformidade que se observa nas regiões planálticas e montanhosas do distrito.

Caminhando da fronteira duriense, no concelho de Vila-Real, para o norte, avista-se uma zona de transição até às faldas e contrafortes do Marão, caracterizada pela policultura — a vinha, o trigo, a oliveira, o milho, o feijão, o centeio, a cevada, a batata, as árvores de fruto e os produtos hortícolas — e pela abundância de lameiros. Nesta zona de transição a rocha, permeável, deixa-se infiltrar pelas águas das chuvas, as quais formam depósitos subterrâneos e nascentes abundantes que dão a frescura tão necessária aos campos no Verão e fama aos lameiros de Vila-Real — lameiros de lima e rega — na engorda do gado bovino.

Para além da faixa maronesa de transição estende-se a vastidão dos baldios, o monte (as terras irruptas ou bauzas da idade média), as terras de centeio, as pastagens naturais e espontâneas, as matas de pinheiros e carvalhos, os pequenos bosques de vidoeiros nas serras do Marão, Alvão, Padrela e contrafortes, interrompida apenas pelo fértil e extenso Vale de Aguiar, onde se intensificam e variam, em contraste flagrante com a montanha, as culturas do milho, feijão, batata, centeio e trigo, fora algum vinho e azeite nos sítios de melhor exposição.

Interrompamos a nossa peregrinação ao norte trasmontano para visitar a região constituída pelos concelhos de Mondim de Basto e Ribeira de Pena, engravada entre as serras do Marão e Alvão e a província do Minho. Nesta região o território divide-se pelos contrafortes do Marão e do Alvão e pelos acidentes que acompanham o Tâmega ao longo da fronteira com a província minhota. O aspecto agrícola nas baixas altitudes é acentuadamente minhoto, com as vinhas enforcadas e enlaçadas nas árvores dos pomares, os milharais verdejantes, os pinhais, os soutos e os casais dispersos, enfim, um conjunto cheio de beleza e de encanto, que empolga todo o viajante que acabe de atravessar a região planáltica do Alvão, triste, monótona, quasi despida de árvores.

Têm êstes concelhos algumas freguesias nos contrafortes e planaltos do Marão e Alvão, entre as quais merece especial referência a de Cerva, do concelho de Ribeira de Pena, célebre pelos seus lameiros ao longo dos rios Poio e Louredo, que fazem ervas magníficas para a alimentação do gado bovino, especializando-se alguns lugarejos na engorda desta espécie pecuária; as restantes freguesias daqueles concelhos acompanham o rio Tâmega.

Continuando a nossa peregrinação para o norte, interrompida no Vale de Aguiar, depressa encontramos à entrada do concelho de Chaves uma das regiões vitícolas mais importantes da zona trasmontana, a denominada Ribeira de Oura,

que compreende as freguesias de Arcossó, Loivos, Oura, Selhariz, Vidago e Vilariinho das Paraneiras. É muito grande a sua produção vinícola, que dizem de boa qualidade, e da qual a região de Barroso é um dos principais consumidores.

Ao norte da região vitícola da Ribeira de Oura, para além do planalto que separa o Tâmega do vale de Terva, em Boticas, fica uma das regiões mais montanhosas e frias de Trás-os-Montes, a Terra de Barroso, onde a neve no Inverno permanece dias e dias, não raro meses seguidos nos pontos mais altos, interrompendo as comunicações entre os povos, e até mesmo com o exterior da região. A Terra de Barroso abrange os concelhos de Montalegre e de Boticas, com exclusão das cinco freguesias que formam o chamado vale de Terva, de veigas abrigadas, amenas e férteis, onde prosperam as culturas de regadio — o milho, a batata e as hortaliças; no mesmo vale aparecem a vinha e as árvores de fruto.

O Barroso, região de montanhas e planaltos, de extensíssimos baldios que ocupam quasi metade da área da região (54.517 hectares), de invernos prolongados, pluviosos e extremamente frios, de verões frescos e curtos, de solo delgado e pobre de elementos nobres nos planaltos, mais fundo e fértil nas encostas e nos vales largos, possui uma agricultura reduzida à exploração pecuária e à cultura do centeio, da batata e do milho (o centeio cultiva-se nos planaltos; o milho nos vales; a batata em toda a parte).

A vinha, ausente nesta região, aparece timidamente nos vales abrigados da serra do Gerez.

É a região de Barroso o solar da raça barrosã e um centro importante de produção de cavalos de marca, muares, ovinos e caprinos.

Nas pastagens baldias, nas lamas do povo, nos prados naturais e nos lameiros apascentam 17.651 bovinos, 60.193 ovinos e 59.597 caprinos (os bovinos pastam nos vales, encostas e planaltos; os ovinos e caprinos, em geral, nos altos das montanhas, de pastos mais fracos).

As pastagens baldias são domínios de exploração comunitária e em muitos lugares o gado grosso e miúdo, pastoreado em comum, constitui as antigas vezeiras ou brandas, que duram do primeiro de Maio ao S. Miguel (29 de Setembro), isto é, durante o tempo mais suave e ameno, em que as vezeiras andam em constante transumância pelos vastos baldios (de manhã nos vales e encostas; à tarde, a fugir ao calor, nos planaltos; à noite o gado reúne nos rebois guardado apenas por um ou dois pastores dos associados).

Não constituem as vezeiras a única manifestação de práticas colectivas e arcaicas. As cavadas, determinadas pelo couto ou assembleia de um lugar e instituídas para o aproveitamento de uma área delimitada nos baldios quando insuficientes para as necessidades do povo os terrenos de lavoura; a drenagem das pastagens baldias, a escolha do touro, etc., determinadas pela mesma assembleia de lavradores, são outras tantas manifestações arcaicas de um regime social e económico há muito extinto.

Abandonemos a Terra Fria e entremos agora no concelho vizinho de Chaves, e mais além no de Valpaços, os quais, como já dissemos, fazem parte da terceira

região pecuária, com os limites já referidos; é a região do gado mirandês e dos badanos da terra quente.

Nesta região a fisionomia agrícola é definida pelas culturas da linda e ubérrima veiga de Chaves e pela dos planaltos que se continuam pelo concelho de Valpaços.

A veiga de Chaves, com terras modernas, de aluviões, fundas, com boa exposição solar, irrigada pela água que os motores, as noras e as cegonhas retiram de mais de 1.500 poços espalhados por todo o vale, produz milho de restólho e milho temporão, batata, forragens e os mais variados produtos hortícolas, além do trigo, centeio, vinho, azeite, frutos, etc., e tudo isto em tal quantidade, que permite exportar para fora do concelho mais de mil vagões de batata e algumas centenas de vagões de outros produtos (trigo, centeio, hortaliças, frutas, etc.).

Na região planáltica de Chaves e Valpaços dominam as searas de centeio e os castanheiros com raros lameiros; e mais para o sul e nascente da região, na Terra Quente, a vinha, o trigo e, secundariamente, a oliveira.

Nesta região a área baldia disponível para os rebanhos é muito pequena.

Tais os aspectos agrícolas que todo o viajante pode observar neste território de grandes montanhas, ora vestidas de florestas, ora de mato rasteiro ou de ervagens, mostrando aqui e acolá a rocha nua em enormes penedos, e de extensos planaltos, umas vezes calvos e outras vezes cobertos de ondulantes searas de centeio e de trigo, verdes ou louras, tudo num conjunto salpicado discretamente de manchas coloridas pela vinha, pelos olivais e pelos castanheiros, território, dizemos, cortado de norte para o sul por vales, ora de estranho corte, sinuosos, fechados, abruptos, profundos e com a rocha descarnada, ora dilatados em veigas ubérrimas onde o Homem disputa à compita a terra por todos desejada.

No respeitante à pecuária, esta concentra-se no bloco maciço da região barrosã e nas regiões maronesa e alvanesa do sul da zona trasmontana, precisamente naquelas onde a vastidão dos baldios e os lameiros facilitam aos povos a criação intensiva dos animais. Nelas vemos o apascoamento dos grandes rebanhos de gado miúdo, as vezeiras de bovinos, ovinos, caprinos e até de suínos; nelas vemos apascentar o gado bovino das parcerias pecuárias ou o gado de lavrador com o seu pastor próprio, reunidos às mesmas horas nos montes vizinhos da aldeia; nela vemos passar os bois do povo em lameiros comuns.

A pecuária, como já tivemos ocasião de observar, toma outro aspecto na região onde o lavrador tem de tirar das culturas irrigadas o sustento para o gado e onde os baldios são, em parte, utilizados para a cultura do centeio, condições que fazem resumir a pecuária ao apascoamento de rebanhos de gado miúdo em fracas e limitadas pastagens do monte e nos restolhos de trigo e centeio, nestas depois de por lá terem passado os bovinos mirandeses importados de Mirandela e outros concelhos limítrofes do distrito de Bragança.

Em resumo, as características principais da segunda e terceira regiões pecuárias são as seguintes:

Segunda região pecuária

Características agrícolas — extensa área de pastagens baldias e de lameiros; cultura do centeio, milho e batata.

Características pecuárias — criação das raças bovinas barrosã e maronesa, que aqui têm os seus solares, e cria desta última; cria e cria de equinos de marca e de garranos; produção de muares; exploração de grandes rebanhos de ovinos e caprinos.

Terceira região pecuária

Características agrícolas — área de pastagens baldias e de lameiros extremamente reduzida; culturas variadas e ricas com inclusão de forragens nos afolhamentos (veiga de Chaves); extensos campos de centeio e trigo; vinhas e olivais.

Características pecuárias — exploração dinâmofora do gado bovino mirandês, importado do distrito de Bragança; exploração do badano da terra quente.

A PROPRIEDADE E O REGIME DA EXPLORAÇÃO PECUÁRIA

Na zona trasmontana a propriedade tomou o nome de *casal* — do casal, homem e mulher — e compreende numa região a casa, as cortinhas, os lameiros ou terras de culturas, as terras de sementeira — centeio e batata — e as bouças — monte —; noutras, em Cerva, por exemplo, além das terras já citadas, do casal pode também fazer parte a *quinta*.

O casal é, portanto, constituído por partes dispersas, aqui e além; a quinta, geralmente murada, ou é uma fracção do casal ou constitui propriedade que congrega várias terras sem descontinuidade.

Na faixa de transição da região duriense para a zona trasmontana e no concelho de Chaves empregam frequentemente o vocábulo *quinta* para designar a média e a grande propriedade.

Domina em toda a zona trasmontana a pequena propriedade, seguida da propriedade média.

Causas históricas e geográficas e determinadas condições físicas a que já nos referimos, não permitiram, nem permitem, a formação de grandes propriedades nesta parte do País, como sucede no sul, no Alentejo e Ribatejo. A forma de colonização adoptada no início da nossa nacionalidade, os aforamentos colectivos, favoreceu a formação da pequena propriedade, assim como instituiu a fruição em comum — exploração comunitária — dos vastos terrenos incultos e maninhos dos planaltos e montanhas.

A propriedade localizou-se nos vales, de terras férteis e fundas, e dividiu-se, pulverizou-se até aos limites extremos. Compreende-se que assim seja, pois só essas terras permitem ao lavrador trasmontano explorar as culturas mais mimosas, de maior rendimento e de maior valor económico, e portanto natural é que êle as deseje e as adquira logo que as suas possibilidades financeiras lho permitam; mas a principal causa da divisão da propriedade nos vales é o fraccionamento prove-

niente da partilha sucessória, que por vezes, quando são muitos os herdeiros, pulveriza o casal.

Nos planaltos a propriedade toma maiores proporções em vista à cabal satisfação das necessidades do lavrador serrano. Como a terra é delgada e falha de elementos nobres, só as culturas pobres nela podem prosperar, o que obriga o lavrador a cultivar maior área para obter o seu sustento e desafôgo económico.

O monte, de terrenos sáfaros, ficou guardado para pastagem dos gados e produção de mato e lenha, com reais vantagens económicas para os povos.

As propriedades sem nascentes próprias estão sujeitas ao regime de distribuição de águas; é o regime de *torna em torna*, para os lameiros, e o de *poçadas* ou o das *levadas*, para as terras de regadio. No primeiro caso o proprietário utiliza as águas das nascentes durante o tempo que entende, o que não raras vezes origina graves conflitos com os vizinhos; no segundo a água é levada para poças ou desviada das levadas, mas aqui a sua utilização é feita num espaço de tempo previamente marcado, ao fim do qual é dada a vez ao vizinho.

As propriedades ou são exploradas directamente pelos respectivos donos ou por arrendamento ou ainda por parceria.

No arrendamento as rendas podem ser em dinheiro ou em géneros — determinada quantidade de alqueires de feijão, milho ou qualquer outro cereal.

Na parceria agrícola, usada na região de Ribeira de Pena e Mondim de Basto, o parceiro utiliza a casa, os armazéns, as alfaias e o gado da propriedade; o proprietário recebe metade da produção do milho e feijão e dois terços da produção do vinho, azeite e frutas. Quando se trata de terrenos inundados por rio, o quinhão do dono é mais elevado no milho e feijão, que passa a dois terços da produção em virtude das terras não necessitarem de estrume e levarem apenas uma sacha.

Também a exploração dos gados pode ser directa, caso geral, ou por parceria pecuária, em que se conhecem duas formas de contrato — ou a de ganhos a meias, mais vulgar, ou a de ganhos e perdas com garantia do casco. Na primeira forma os dois associados dividem a meias o produto da venda das crias e o ganho da venda da vaca (quando a parceria envolve um touro de reprodução, as importâncias recebidas pela cobrição das vacas são também divididas a meias); na segunda forma, com garantia do casco, entram as condições da primeira e mais a divisão a meias do prejuízo, se o houver, na venda do animal da parceria.

Na parte meridional da zona trasmontana, onde são muito frequentes as parcerias pecuárias, há lavradores e negociantes com largos capitais aplicados nesta modalidade de exploração das vacas maronesas.

À semelhança da fruição comum dos baldios pelos povos, na região do Barroso e numa ou noutra aldeia das regiões maronesa e alvanesa, os criadores associam-se para adquirir e manter um toiro comum para cobrição das vacas da sua aldeia — é o boi do povo, da paróquia ou vinteneiro.

O boi do povo é sustentado à vez por casa dos associados em algumas aldeias; noutras ou rateiam entre si na época da colheita dos fenos o penso para sustentar

o boi durante o Inverno ou dão à pessoa encarregada do seu sustento determinada quantidade de pão por cada vaca de cada um dos criadores.

Em muitas aldeias o boi do povo tem lameiro próprio, denominado lameiro ou lamas do boi; se não chega para o seu sustento a erva do lameiro, os associados — quinhoeiros e herdeiros — sustentam-no à vez.

ESPÉCIES PECUÁRIAS

Passemos agora à descriminação, por espécies, das raças pecuárias existentes nas áreas das Intendências de Pecuária de Vila-Real e Chaves, mencionando a sua importância absoluta e relativa, a zona de dispersão de cada uma e o número aproximado de cabeças que as compõem.

CABALINOS

Manifestaram-se nas áreas das Intendências de Pecuária de Vila-Real e Chaves 4.608 cabalinos no valor de 4.818.025\$00, cabendo à de Vila-Real 1.781 cabeças no valor de 1.885.650\$00 e à de Chaves 2.827 no valor de 2.932.375\$00.

Os cabalinos do distrito de Vila-Real dividem-se em dois grupos, um constituído por garranos luso-galizianos e castelhanos e outro por cabalinos de marca e maiores da marca.

Entre os garranos é mais frequente o castelhano, de cabeça grande, perfil recto ou sub-côncavo, pescoço delgado, tronco achatado, garupa inclinada, membros compridos e mal aprumados; o garrano luso-galiziano, de corpo pequeno mas proporcionado, de membros curtos e sólidos, é menos numeroso que o castelhano. A pelagem de um e outro vai do preto ao castanho claro, mas a mais frequente é o castanho escuro.

Os garranos estão espalhados por todo o distrito, mas as fêmeas são em muito maior número por motivo de ordem económica; além de prestarem serviço de sela, como os machos, dão as crias, o que muito importa à limitada economia do pequeno lavrador trasmontano.

O garrano é preferido como animal de sela pela sua resistência e segurança nos caminhos íngremes e pedregosos que cortam em tôdas as direcções o solo trasmontano e ligam entre si as aldeias e estas às sedes de concelho.

O regime destes eqüinos é o semi-estabular e as rações compreendem, de uma maneira geral, a erva dos lameiros, a erva molar semeada entre o milho, o feno, a palha de centeio e o milho; pastam nos valados das bermas das estradas e caminhos, nos lameiros e no monte quando a escassez das forragens se faz sentir.

A Direcção Geral dos Serviços Pecuários, no propósito de melhorar estes prestimosos cavalos, utilizados pela lavoura e pelo Exército, todos os anos tem instalado, por intermédio das Intendências de Pecuária de Vila-Real e de Chaves, vários postos hípicas com reprodutores luso-galizianos.

Os garranos estão representados aproximadamente por 3.784 cabeças no valor

de 3.962.300\$00, ou sejam 82,24 % do valor do efectivo cabalino do distrito, cabendo à Intendência de Pecuária de Vila-Real 1.654 cabeças no valor de 1.752.500\$00 e à de Chaves 2.130 cabeças no de 2.210.000\$00, isto é, 6,34 % e 2,89 %, respectivamente, do valor do efectivo pecuário manifestado em cada uma das duas Intendências de Pecuária.

Os cabalinos de marca e maiores da marca, também espalhados mais ou menos pelo distrito, concentram-se sobretudo no concelho de Montalegre.

Os caracteres dos eqüinos de Montalegre são os que resultam do cruzamento das éguas dêsse concelho com garanhões andaluzes, árabes, etc., do antigo Pôsto Zootécnico que ali existiu, para onde iam na época própria.

A Direcção Geral dos Serviços Pecuários continua a auxiliar a produção cabalina daquele concelho, onde todos os anos instala um pôsto hípico com um reprodutor da Estação Zootécnica Nacional.

Os eqüinos de medida estão representados, aproximadamente, por 824 cabeças no valor de 855.725\$00, ou sejam 17,76 % do valor do efectivo cavalariço do distrito, cabendo à Intendência de Pecuária de Vila-Real 127 cabeças no valor de 133.350\$00 e à de Chaves 697 no de 722.375\$00, ou 0,48 % e 0,94 %, respectivamente, do valor do efectivo pecuário manifestado em cada uma.

MUARES

Êstes híbridos são geralmente produtos do burro com a égua — éguariços — e a sua produção, por assim dizer, limita-se ao concelho de Montalegre, na área da Intendência de Pecuária de Chaves.

A Direcção Geral dos Serviços Pecuários, por intermédio dessa Intendência de Pecuária, tem fomentado a produção mulateira no referido concelho, para onde todos os anos destaca na época própria um reprodutor asinino andaluz.

Estão as muares espalhadas por todo o distrito, mas a sua representação numérica é fraca, mormente na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real.

Êstes híbridos são empregados como animais de tracção e de carga e o seu regime alimentar é semelhante ao do cavalo.

Na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real foram manifestadas 449 muares no valor de 439.700\$00, o que representa 1,6 % do valor dos gados declarados, e 826 na área da Intendência de Pecuária de Chaves, computadas em 804.400\$00, ou seja 1,04 % do valor dos gados manifestados.

ASININOS

Os asininos, tanto na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real como na de Chaves, estão representados pelo burro do tipo europeu, de formato médio.

Animais de notável resistência e muito sóbrios, são por isso os mais prestimosos auxiliares da gente pobre, motivo por que se encontram disseminados por todo o distrito, empregados no serviço de carga e sela.

A sua alimentação resume-se ao verde e à palha de centeio e de milho; o feno só parcamente lhes é distribuído.

Foram manifestados na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real 3.042 cabeças no valor de 1.107.300\$00 e na de Chaves 8.982 no de 3.193.050\$00, o que, respectivamente, representa 4% e 3,16% do valor dos gados manifestados em cada uma.

BOVINOS

Na representação numérica das diferentes espécies pecuárias ocupam os bovinos o terceiro lugar, depois dos ovinos e caprinos.

Pelo actual arrolamento foi apurado na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real o efectivo vacuum de 12.455 cabeças no valor de 14.188.100\$00 e na de Chaves o de 35.865 cabeças no de 41.798.100\$00. O efectivo total do distrito eleva-se, portanto, a 48.320 cabeças no valor de 55.986.200\$00.

A exploração do gado bovino, sem dúvida a mais importante e rendosa de toda a animalicultura, desempenha um dos principais papéis na economia agrícola trasmontana.

É no ditrito de Vila-Real, na área da segunda região pecuária, que as raças bovinas barrosã e maronesa têm os seus solares, respectivamente na Terra de Barroso e na Serra do Alvão; na terceira região domina a raça bovina mirandesa, importada do distrito de Bragança.

Na primeira e segunda regiões pecuárias o gado arouquês da sub-raça pai-vota tende a infiltrar-se cada vez mais.

À volta dos centros populacionais mais importantes do distrito e nas quintas da região duriense explora-se o gado turino exclusivamente na função galactófora.

Acêrca das cinco raças bovinas existentés no distrito de Vila-Real, que numa superfície relativamente pequena comporta o solar de duas, as nossas considerações, baseadas na observação e estudo de mais de cinco anos, vão incidir mais pormenorizadamente sôbre a raça maronesa, não só por ser a de maior representação numérica e mais simultâneamente explorada nas várias aptidões inerentes à sua espécie, mas também porque, relativamente às outras, já ilustres zootecnistas se lhes referiram em trabalhos públicamente consagrados, além de que algumas pertencem a efectivos de outras Intendências de Pecuária, pelo que seria inútil a duplicação de considerações a elas respeitantes.

RAÇA MARONESA

Com o solar na Serra do Alvão, nos limites dos concelhos de Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar, a raça maronesa dispersa-se pelos concelhos de Mesão-Frio, Pêso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila-Real, Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Mondim de Basto, Sabrosa, Alijó, Murça, Valpaços e Chaves. A

A sua alimentação resume-se ao verde e à palha de centeio e de milho; o feno só parcamente lhes é distribuído.

Foram manifestados na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real 3.042 cabeças no valor de 1.107.300\$00 e na de Chaves 8.982 no de 3.193.050\$00, o que, respectivamente, representa 4% e 3,16% do valor dos gados manifestados em cada uma.

BOVINOS

Na representação numérica das diferentes espécies pecuárias ocupam os bovinos o terceiro lugar, depois dos ovinos e caprinos.

Pelo actual arrolamento foi apurado na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real o efectivo vacuum de 12.455 cabeças no valor de 14.188.100\$00 e na de Chaves o de 35.865 cabeças no de 41.798.100\$00. O efectivo total do distrito eleva-se, portanto, a 48.320 cabeças no valor de 55.986.200\$00.

A exploração do gado bovino, sem dúvida a mais importante e rendosa de toda a animalicultura, desempenha um dos principais papéis na economia agrícola trasmontana.

É no ditrito de Vila-Real, na área da segunda região pecuária, que as raças bovinas barrosã e maronesa têm os seus solares, respectivamente na Terra de Barroso e na Serra do Alvão; na terceira região domina a raça bovina mirandesa, importada do distrito de Bragança.

Na primeira e segunda regiões pecuárias o gado arouquês da sub-raça pai-vota tende a infiltrar-se cada vez mais.

À volta dos centros populacionais mais importantes do distrito e nas quintas da região duriense explora-se o gado turino exclusivamente na função galactófora.

Àcerca das cinco raças bovinas existentés no distrito de Vila-Real, que numa superfície relativamente pequena comporta o solar de duas, as nossas considerações, baseadas na observação e estudo de mais de cinco anos, vão incidir mais pormenorizadamente sobre a raça maronesa, não só por ser a de maior representação numérica e mais simultâneamente explorada nas várias aptidões inerentes à sua espécie, mas também porque, relativamente às outras, já ilustres zootecnistas se lhes referiram em trabalhos públicamente consagrados, além de que algumas pertencem a efectivos de outras Intendências de Pecuária, pelo que seria inútil a duplicação de considerações a elas respeitantes.

RAÇA MARONESIA

Com o solar na Serra do Alvão, nos limites dos concelhos de Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar, a raça maronesa dispersa-se pelos concelhos de Mesão-Frio, Pêso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila-Real, Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Mondim de Basto, Sabrosa, Alijó, Murça, Valpaços e Chaves. A

sua criação e recriação faz-se especialmente nos concelhos do seu solar e nos de Vila-Real e Mondim de Basto, ao todo numa área aproximadamente de 1.000 Km.².

Interessante notar que a região de Barroso, com a superfície de 1.097,48 Km.², tem uma população bovina, exclusivamente de raça barrosã, de 17.633 cabeças, ao passo que a citada região de cria e recria do gado maronês, com quasi igual área, comporta, segundo os nossos cálculos, 17.191 cabeças deste gado, fora cinco centenas, aproximadamente, de gado paivoto e turino. Tanto numa como noutra região são as pastagens baldias e os lameiros que fornecem a massa forraginosa indispensável à manutenção de tão elevados efectivos vacuns.

Calculamos que nas áreas das Intendências de Pecuária de Vila-Real e Chaves existam 21.222 cabeças de gado maronês no valor de 24.644.650\$00, ou sejam 40,40 % do valor do efectivo bovino do distrito. Esta estimativa coloca a raça maronesa em primeiro lugar no valor e na representação numérica das diferentes raças bovinas exploradas no distrito e na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real, e em segundo no valor e representação numérica na da Intendência de Pecuária de Chaves.

Na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real calculamos a sua representação em 11.009 cabeças, equivalentes a 12.809.000\$00, ou 46,38 % do valor do efectivo pecuário manifestado, e na da Intendência de Pecuária de Chaves em 10.213 cabeças, computadas em 11.835.650\$00, ou 15,42 % do valor do mesmo efectivo pecuário.

Características étnicas — A raça bovina maronesa pertence ao grupo das raças de pelagem escura, perfil côncavo, mesomorfas e eumétricas.

A impressão colhida da observação demorada desta raça leva-nos a atribuir-lhe um parentesco muito próximo com a raça barrosã e a imputar a sua falta de homogeneidade ao completo abandono da selecção, à variação individual e aos múltiplos cruzamentos, que se fizeram e fazem ainda, com outras raças invasoras, muito especialmente com a mirandesa. Os exemplares com cabeça mais puxada ao tipo mirandês observam-se no vale de Aguiar, na Serra da Padrela, nas freguesias do concelho de Vila Pouca de Aguiar vizinhas dos concelhos de Chaves e Valpaços e nestes dois. É precisamente nesta região que os maroneses e mirandeses entram em contacto, e épocas houve em que nas vacas maronesas se empregavam touros mirandeses, depois abandonados por gerarem crias muito grandes.

Os mestiços mirandeses-maroneses apresentam a cabeça com o perfil recto ou sub-côncavo, as órbitas reduzidas e a armação acentuadamente cabana nuns, menos acabada noutros, ou mesmo levantada, à maronesa; o corpo, no caso geral, atinge desenvolvimento intermédio ao das duas raças.

Na Serra do Alvão, solar desta raça, nos concelhos de Ribeira de Pena, Mondim de Basto e Vila-Real o perfil recto é raro.

No solar da raça o criador deu sempre preferência à cabeça côncava, à pelagem castanha ou castanha escura e às proporções e formato médio; apenas há desacôrdo na disposição da cornamenta, que uns preferem liriforme (arreichelados) e outros ligeiramente acabada, esta obtida muitas vezes por meio de práticas exer-

cidas sôbre os chifres quando os animais são adolescentes. Uma dessas práticas consiste em colocar a cabeça do bezerro entre as pernas e com as mãos, previamente umedecidas com saliva e aquecidas por fricção, exercer nos chifres cada vez mais fortes pressões e torções para a frente e para baixo, trabalho executado diàriamente até se conseguir o resultado desejado.

Outra prática consiste em colocar um pau entre os chifres, ao qual ficam sòlidamente atados de maneira a aproximá-los, e em cortar uma pequena camada de substância còrnea na parte inferior junto à base.

Na execução das práticas referidas há individuos perfeitamente especializados, os bezerreiros, à intervenção dos quais se deve essencialmente a armação cabana nesta raça.

Referindo-se ao tipo da raça observado no seu solar, o Dr. João Francisco Tierno diz que o maronês «reflecte» nitidamente o estilo architectural do barrosão, apenas atenuado nos seus caracteres excessivos: é o mesmo perfil còncavo e um tanto simiesco, a mesma armação liriforme, o mesmo rôlo de corpo, e conservam ainda o castanho-escuro da pelage, a antiga còr do gado de Montalegre, a sua pronunciada vocação masculina e a elevada percentagem de matéria gorda no leite».

Bernardo Lima e Miranda do Vale descrevem também a raça maronesa com ligeiras diferenças da barrosã.

Caracteres somáticos—Cabeça ($0^m,46$) larga ao nível dos olhos ($0^m,205$) e estreita abaixo dêstes ($0^m,165$); nuca proeminente; os chifres, brancos no seu comprimento e negros na ponta, saídos do alto e cobertos por uma pequena poupa ou marrafa de còr aberta, regularmente desenvolvidos ($0^m,38$) e grossos na base ($0^m,195$), de secção elíptica e destacados para o lado, para a frente e para cima, a formarem um concavidade anterior e com disposição liriforme pela divergência ($0^m,58$) e torção das extremidades; fronte curva e còncava; arcadas orbitárias salientes; olhos vivos, salientes e algumas vezes envolvidos por uma aréola de pêlos brancos (quatro olhos); nasais rectos, compridos e unidos em abóbada circular; orelhas largas e de alta inserção; faces curtas e um pouco deprimidas na sua união com o chanfro; focinho grosso, escuro e orlado de pêlos brancos; fauce larga onde apega uma barbela com grande desenvolvimento na parte inferior do pescoço e prolongada até ao cilhandouro.

Pescoço curto ($0^m,50$), recto ou sub-còncavo e pouco grosso ($0^m,905$); peito regular; cernelha larga e pouco saliente; linha dorso-lombar ligeiramente enclada; rins curtos ($0^m,295$) e largos ($0^m,34$); costado alto ($0^m,645$); ventre um pouco desenvolvido; úbere pequeno e coberto de pêlos grosseiros; garupa tão larga à frente ($0^m,445$) como comprida ($0^m,445$), estreitando para trás ($0^m,37$), ligeiramente inclinada e regularmente fornida de músculos; cauda de alta inserção, comprida e de pínzel negro; ancas largas e musculadas.

Membros curtos e apumados, de articulações sêcas e providos de unhas pequenas e rijas. Pele um pouco grossa, regularmente elástica e coberta de pêlos curtos e macios; pelagem do tipo escuro (castanho escuro e extremidades mais fortemente pigmentadas) e a linha dorso-lombar de um castanho claro, còr que nalguns exemplares atinge o meio do costado e o abdómen. À medida que avançam para a velhice aparecem na pelagem muitos pêlos brancos.

As crias nascem sempre claras e vão escurecendo à medida que se aproximam da idade adulta.

Os touros têm pelagem negra, mas a linha dorso-lombar é castanho claro.

A ponta do focinho, os lábios, a face superior da língua, o céu da boca, a ponta dos chifres, as órbitas e os cílios, a parte inferior das bôlças, o ânus, a vulva, a extremidade da cauda, a coroa dos pés e as unhas devem ser negros nos animais de raça pura.

O lavrador serrano escolhe a rês com as seguintes características: cabeça pequena, larga e cavada; chifres cabanos ou arreichelados; orelhas largas; barbela comprida e funda; que não seja *maninha* (falsa costela curta); *asa* (inserção da cauda) nem muito baixa nem muito alta; rabo fino e sedoso; *picadouro* largo (nádegas largas); que não seja *chambeta* (unida dos curvilhões) nem *topina* (apoio na pinça) nem *esquerdina* (unhas para fora); unhas rijas e que não pisem muito terreno; pelagem castanha escura.

Reprodução, criação e recriação — Enquanto na zona barrosã a escolha do touro é objecto de alguns cuidados e sujeita à fiscalização dos criadores, na da raça maronesa essa escolha está sujeita apenas ao critério dum lavrador que, de uma maneira geral, se não preocupa com a ascendência nem com as características e desenvolvimento do futuro marel. A sua aquisição depende também das possibilidades económicas do lavrador interessado, que não é geralmente dos mais abonados.

Os povos, a exemplo dos criadores de Barroso e em defesa da qualidade do seu gado, podiam recorrer mais frequentemente à aquisição e manutenção colectiva dos reprodutores necessários para as suas vacas.

Na região apenas conhecemos três touros do povo, os de Soutelinho e Alfarela, no concelho de Vila Pouca de Aguiar, e o da Samardã, no de Vila-Real.

O touro do povo é comprado por todos os lavradores dum povoação e sustentado em casa de cada um durante uns tantos dias, conforme o respectivo número de vacas. Por êste processo o touro só é bem alimentado quando em casa de lavradores abastados.

A quantidade diária de saltos varia, sem limite, com o número de vacas que lhe apresentam.

Os lavradores residentes fora do povo pagam 2\$50 até a fêmea pegar.

Com os tourecoos particulares a importância dos saltos sobe a 5\$00, também até a vaca pegar, mas são raros êstes casos, porque os respectivos donos não cobram normalmente importância alguma.

Os touros começam a funcionar aos doze meses, às vezes aos dez, e retirados da cobrição aos dois e meio ou três anos, em que são castrados.

Os touros particulares trabalham sempre.

As vacas, cobertas todos os anos, entram em reprodução dos dezoito meses para os dois anos e mantêm-se nessa função até uma idade muito avançada.

As crias não destinadas ao talho são recriadas na região; os machos são os que em maior número seguem para o matadouro.

Esta diferença explica-se pela necessidade de substituir as vacas reformadas

e porque, sob o ponto de vista económico, as fêmeas oferecem mais vantagem à lavoura do que os bois.

A Intendência de Pecuária de Vila-Real, apercebida da necessidade de intervir no melhoramento da raça e abolir o velho costume de empregar maréis de inferior quilate e pouca idade, propôs a compra de 18 bezerros, escolhidos entre os melhores que se encontraram nessa altura, para serem recriados pela lavoura.

Alguns dos animais adquiridos já se encontram em reprodução e outros estão em via de completar a recria para serem utilizados da mesma forma, constituindo-se assim um pequeno núcleo de touros cujo desenvolvimento foi vigiado de perto e acompanhado do registo das mensurações efectuadas periódicamente durante a recria. A região dispõe agora dum grupo de reprodutores como nunca foi dado observar e cuja descendência será alvo de estudo dentro das possibilidades de tempo e oportunidade.

Relativamente às vacas de criação, também houve o cuidado de organizar um núcleo sobre o qual vão incidir as nossas observações. Todas as vacas primeiras classificadas nos concursos pecuários realizados em Vila-Real e Vila Pouca de Aguiar serão medidas, registadas e marcadas a fogo; os seus donos ficam habilitados a receberem anualmente um prémio pecuniário, denominado *prémio de conservação*, desde que as mantenham nas condições expressas no regulamento aprovado e pôsto em execução pela Junta da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro.

A Direcção Geral dos Serviços Pecuários, por intermédio da Intendência de Pecuária de Vila-Real, fiscaliza o estado sanitário e o estado de nutrição das vacas criadeiras classificadas, a cobrição das mesmas e a sua descendência.

Durante a realização dos concursos nos anos seguintes essas vacas serão presentes ao júris e os seus donos obrigados a mostrarem os boletins de inspecção e fiscalização passados pelo Intendente de Pecuária de Vila-Real. Os júris, após o exame dos animais e em face dos elementos registados nos respectivos boletins, atribuem ou não os correspondentes prémios de conservação.

Deu-se assim continuidade aos concursos pecuários relativamente às fêmeas, interessando os lavradores no plano de acção da Intendência de Pecuária de Vila-Real.

Sobre os touros de propriedade particular tem-se exercido rigorosa fiscalização para só funcionarem aquêles cujos donos hajam previamente cumprido as disposições do Regulamento Geral dos Postos de Cobrição.

Desenvolvimento, precocidade e pêso — A raça maronesa, de esqueleto regular, estatura mediana (1^m,18) e desenvolvimento lento, estaciona nos dois ou três meses seguintes à desmama.

O crescimento apresenta o seu máximo de intensidade pouco depois do ano e o pêso máximo, relativamente fixo, é atingido dos cinco para os seis anos (desta idade em diante as variações ponderais dependem do estado de nutrição). Raça a que faltam os sinais de precocidade, a substituição dos pinças ocorre aos dois anos feitos e só aos cinco apresenta os cantos permanentes.

Os bezerros, submetidos a trabalhos violentos e mal alimentados, retardam consideravelmente no crescimento, motivo por que freqüentemente se topam indivíduos ananizados que só depois dos três anos se desenvolvem.

O pêso vivo médio das vacas oscila entre 350 e 400 quilogramas e o dos bois de trabalho entre 460 e 550.

Aptidões — A raça bovina maronesa é utilizada essencialmente pela sua vocação dinâmica.

Acessoriamente explorada na creatopoeise, a raça maronesa, pela sua aptidão dinamófora, desempenha papel importantíssimo na economia regional com preferência dos outros animais de trabalho da mesma espécie ou de outra diferente.

Considerada como inferior leiteira, ainda que se não tenha averiguado a sua capacidade galactófora, vamos considerar separadamente cada uma das suas aptidões zootécnicas.

Dinamopoeise — Com elevada aptidão dinamófora, a dinamopoeise é a principal função económica dos bovinos maroneses. Nos caminhos pedregosos e íngremes das montanhas, a puxar carros de mato ou lenha, não há outra raça vacum que os vença na ligeireza do passo e na firmeza com que pisam o terreno.

Os bezerros começam a ser jungidos ao ano e meio, não poucas vezes ao ano.

Os primeiros exercícios consistem em aplicar na cabeça de dois bezerros umas molhelhas e na sua falta uns sacos ou panos muito bem apertados à nuca e aos chifres por uma sôga. A unir os dois bezerros colocam o jugo, também muito bem fixado por outra sôga. A meio do jugo, ao nível de duas depressões centrais, passa o tamoeiro, peça de couro que forma dois anéis na parte inferior do jugo, onde é fixado um pinheiro ou uma corda.

Um homem à retaguarda puxa os bezerros pela corda ou pelo pinheiro e outros dois, um ao lado de cada bezerro, dirigem a tracção destes e incitam-nos a puxar.

Uma vez acostumados a estes exercícios, substituem o pinheiro ou a corda por um carro vazio, cujo cabeçalho passa pelo tamoeiro, onde é fixado pela chavelha (bocado de pau) que atravessa o orifício do jugo (fura).

Após este período de amansia começam os trabalhos ligeiros e só lá para os três anos ou três anos e meio é que entram nos mais pesados.

O pêso dos carros de lavoura não ultrapassa 250 quilogramas.

As vacas transportam 1.000 a 1.100 quilos de carga, no máximo; os bois, êsses uns 1.500 ou mais.

Creatopoeise — A lavoura desta região não se tem preocupado com a exploração cevatriz desta raça, pelo que o juízo formado sobre a sua aptidão adipogénica se aferiu pelo rendimento e pela qualidade da carne das reses já velhas e exaustas pelo trabalho, que os marchantes e negociantes de gado compram nas feiras da região.

Também a falta de recursos forraginosos não permite que a lavoura vá além da recria; segundo informações por nós colhidas, só na freguesia de Cerva, do concelho de Ribeira de Pena, que tem pastos todo o ano nas terras marginais dos rios Louredo e Poio, alguns lavradores cevam o gado dos três para os cinco anos. Contudo só muito excepcionalmente se podem encontrar nesta região exemplares finos gordos.

De uma maneira geral o gado atura nos trabalhos agrícolas até aos 12 ou 15 anos, depois do que, e em estado de meias carnes, é vendido aos marchantes e negociantes, que aproveitam a boa aptidão cevatriz desta raça para o engordar em dois ou três meses nos lameiros à volta de Vila-Real, seu principal centro de consumo.

A engorda do gado maronês faz-se também no distrito do Pôrto, para onde é enviado pelos negociantes dali, que habitualmente freqüentam as feiras de gado de Vila-Real.

Para a Beira apenas se sabe que, por ocasião da feira de Santo António de Vila-Real, um marchante costuma levar para S. Pedro do Sul um ou dois vagões de gado para açougue.

Os animais são preparados para o talho quasi só na pastagem. No Inverno o seu estado é sempre de meias carnes, mas gordos nos meses de Maio, Junho e Julho e em Outubro e Novembro.

Acêrca da qualidade da carne podemos afirmar, no tocante a animais gordos ou finos gordos, que não é inferior à do gado barrosão e que prima pela suculência, macieza e paladar.

A gordura dos animais submetidos a uma ceva mais lenta da que se costuma praticar, é compacta e bastante pesada.

O pêso máximo dos bois gordos aproxima-se dos 700 quilogramas e o das vacas de 550.

A carne de vitela é muito apreciada e goza de boa reputação, tanto nos meios rurais como nos grandes centros de consumo.

Pelo que acabamos de referir, conclui-se que a lavoura, não explorando a vocação creatopoética dêste gado, a utiliza todavia como fonte de recurso, vendendo para o talho os vitelos com três a cinco meses e meio e os animais reformados.

Quasi tôda a carne bovina consumida no distrito, com excepção dos conce-lhos de Montalegre, Boticas, Chavês, Valpaços e Mesão-Frio, é fornecida pelo gado maronês. A cidade de Chaves consome ainda assim regular quantidade de vitelas.

Os touros castrados são abatidos para consumo em Alijó, Favaços, Régua e Pesqueira.

Sôbre o rendimento em carne limpa, alguns autores fixaram-no em 56 %. Nós nunca verificámos esta percentagem em alguns milhares de cabeças abatidas nestes três últimos anos no matadouro de Vila-Real; em nossa opinião o rendimento creatóforo é, em média, de 52 %.

Galactopose — A vocação galactófora das vacas maronesas é bastante fraca. A produção média diária é computada em 6 litros de leite nas vacas bem tratadas, mas algumas dão maior produção, 8 a 10 litros.

O período de lactação é muito variável; há vacas que secam logo em seguida ao desmame, outras que prolongam a produção do leite até ao sétimo ou oitavo mês *post partem*, isto é, dois ou três meses depois do desmame (observámos uma com doze anos a produzir 5 litros ao oitavo mês).

Nas vacas com produção diária de seis litros ou mais é costume nos primeiros quinze dias após o parto mungir dois litros a dois litros e meio aproxi-

madamente; dos quinze para os trinta dias, um litro a litro e meio. Daí por diante deixam todo o leite para o vitelo.

Depois do desmame as vacas são mungidas duas vezes ao dia, uma de manhã e outra à tarde. O leite ou é consumido frio ou transformado em manteiga, muito raramente em queijo.

O leite das vacas maronesas é bastante butiroso; com 18 a 19 litros, o máximo, fabrica-se um quilo de manteiga, ao passo que com o das vacas turinas da região são precisos 22 a 25. As suas propriedades caseosas são mal conhecidas.

Regime alimentar — O regime adoptado é o misto, conquanto o gado ande na maior parte do ano nas pastagens; só fica no estábulo nos dias em que o frio e a neve impossibilitam o seu apascentamento.

A base do arraçoamento é a erva dos lameiros, recurso a que, por natural e fácil, constantemente se recorre, sobretudo nas épocas em que as terras estão ocupadas pelas culturas, em seguida às sementeiras.

De Dezembro a Junho o gado vive em regime de semi-estabulação: come na loja ou na corte (estábulo) a erva segada nos lameiros (terras de lima e rega, nas quais se podem obter três a seis cortes), o feno, palha milha, palha painça, fachas de canas de milho, nabal, batatas, beterrabas, folhato (camisas de milho), canocos, palhada (mistura de erva e palha de centeio cortada) e as ferrãs de centeio e de cevada. Os folhatos e os canocos ou servem só para entreter ou dão-se quando falta de todo qualquer das outras forragens, ocorrência habitual no Inverno, em que os animais passam as maiores privações.

Os repastos nesses meses são um de manhã, outro à tarde pouco depois da chegada do pasto e o último por volta das dez horas da noite, então com mais fartura que o da tarde.

No Inverno são levados de dia para os prados de ferrãs ou para os lameiros e à tarde para os montes baldios (lomas do povo) ou para os roedouros (incultos particulares), onde comem erva grosseira e as partes mais tenras do mato — urze, fetos, juncos, queirogas, giestas, tojo, etc.

Os lameiros de lima e rega dão erva até Abril; depois guardam-se até Julho ou Agosto, época em que a erva é ceifada para feno. Os de sequeiro dão erva até Março e em Maio segam-se para feno.

Os fenos destes lameiros são preparados deixando secar a erva ao sol, no fim do que é batida sobre um pano para recolher a semente, que há-de servir para a sementeira seguinte.

Há ainda os fenos recolhidos em Setembro, obtidos das ervas dos lameiros de velho, lameiros bravos ou de pouso.

Nos lameiros abundam sobretudo as gramíneas — a erva castelhana, molar, jôia e outras, sobretudo a castelhana por ser mais rija e mais alimentar.

De Junho a Setembro, isto é, durante o Verão, o gado anda quasi todo o dia no pasto; desde manhã muito cedo até às dez horas, em que recolhe à corte até passar a maior força do calor (alguns lavradores pensam o gado durante o tempo em que está na corte), e depois à tarde, donde regressa já pela noite dentro.

No período estival as reses alimentam-se com as ervas das bordas dos cam-

pos, com o milho do desbaste, com as ervas das lameiras (terrenos encharcados) e com o feno dos lameiros bravos.

Tôda esta massa forraginosa é insuficiente para a manutenção do gado durante o ano e uma grande parte do efectivo bovino passa fome no fim do Inverno e do Verão, em que algumas reses chegam a perder 25 % do seu pêso.

A insuficiência de alimentação reflecte-se imediatamente no estado geral do gado, sobretudo naquelas cujos donos não têm posses ou não dispõem de terras com área necessária para sustentar duas ou três cabeças, que são afinal o maior número.

Os efeitos desta deficiência alimentar, a que também não é estranho o fraco valor altriz da maior parte das forragens, fazem-se sentir especialmente nas fêmeas gestantes e nos animais novos, pois, como é sabido, tanto umas como outros precisam de melhor e mais abundante penso, nas primeiras para acudir à formação do ser que albergam nas entranhas, e nos segundos para favorecer o seu crescimento normal.

Para terminar os nossos esclarecimentos sôbre a alimentação do gado maronês faltam algumas referências ao regime alimentar seguido na freguesia de Cerva, do concelho de Ribeira de Pena.

Esta freguesia, a única da região onde se faz engorda de gado bovino, é percorrida pelos rios Poio e Louredo, que fertilizam os terrenos marginaes e os tornam óptimos para o desenvolvimento das espécies forraginosas, que nunca faltam durante o ano.

Na alimentação do gado entram a erva molar, galega e canária; o feno; a serradela e o trevo; a bandeira de milho, fora outras espécies.

Alguns lavradores da freguesia de Cerva costumam pelo S. João mandar o gado bovino para a Serra de Machados, ainda denominada Monte de Ordens, onde pasta até ao fim de Agosto (em virtude dum acôrdo com as freguesias limítrofes, firmado por escritura, nessa época só o gado de Cerva pode pastar no Monte de Ordens).

Todo o gado que para ali vai, é marcado a fogo nos chifres com as letras F C (freguesia de Cerva) e com o número por onde os lavradores identificam facilmente as reses de cada um.

Os guardas, um ou dois, que acompanham o gado, recebem 2\$50 por cabeça.

Comércio — O comércio de gado maronês faz-se essencialmente nos mercados que se realizam em datas fixas nos concelhos de Vila-Real, Vila Pouca de Aguiar, Mondim de Basto e Ribeira de Pena, os mais importantes dos quais são as feiras de Santo António e de Almodena, no concelho de Vila-Real; a feira anual de Paradança, no concelho de Mondim de Basto, em 9 de Março; a feira anual de Cerva, no concelho de Ribeira de Pena, em 22 de Dezembro; a feira anual de Vila Pouca de Aguiar, em 23 de Setembro.

Nas feiras a lavoura vende para corte os vitelos e o gado reformado de outros serviços; vende e adquire os bezerros para recriar, as vacas e os bois de trabalho. Os bezerros para recria são objecto de transacções meramente locais.

O comércio de animais de corte e de trabalho passa as fronteiras da região

criadora e recriadora; estende-se aos concelhos de Santa Marta de Penaguião, Pêso da Régua, Sabrosa, Alijó, Murça, Valpaços, Chaves e Boticas.

Os animais de talho vão ainda para o Pôrto, Amarante, Lisboa e várias outras localidades.

A maior parte das juntas de bois de trabalho, que vão para os concelhos da região duriense, voltam de novo às feiras de Vila-Real, onde são vendidos em estado de magreza aos marchantes e negociantes de gado.

Os bois reformados são todos ou quasi todos adquiridos pelos negociantes do distrito do Pôrto.

RAÇA BARROSÃ

No início das nossas considerações sobre as diferentes raças bovinas existentes no distrito de Vila-Real prometemos ser breves nas referências a esta raça, assim como à mirandesa, turina e sub-raça paivota, com o fim de evitar repetições de matérias, umas já conhecidas e firmadas por autênticos valores da ciência zootécnica, outras a tratar por colegas em serviço noutras Intendências de Pecuária, em cuja área os referidos gados têm importância fundamental e não se encontram associados a tantas variedades como neste distrito. Demais, no decorrer deste relatório, fazemos numerosas referências às condições mesológicas de região barrosã e à forma da exploração agrícola e pecuária ali seguida.

Calculamos o efectivo deste gado em 17.633 cabeças, no valor de 20.524.950\$00, o que representa 36,12% do valor do efectivo bovino do distrito de Vila-Real e 26,75% do valor dos gados manifestados na área da Intendência de Pecuária de Chaves. O seu valor excede o de qualquer dos outros gados criados ou explorados na área daquela Intendência de Pecuária e no distrito apenas o consideramos numericamente inferior ao gado maronês, porém mais disperso nas áreas das duas Intendências de Pecuária.

Na região abrangida pelos concelhos de Montalegre e Boticas, a Terra de Barroso propriamente dita, o regime de exploração desta raça bovina está condicionada, e dela depende em absoluto, à forma como é explorado o solo; isto é, a sua criação depende, na quantidade actualmente verificada, da extensa área baldia posta à sua disposição e dos numerosos lameiros votados à produção forraginosa.

Na dependência daquelas condições geo-físicas e económico-agrícolas estão ainda 119.990 cabeças ovinas e caprinas, 9.981 suínos e 2.802 solípedes (cabalinos, muares e asininos).

Perante tão elevada massa pecuária, e considerando que o habitante de Barroso é antes de mais nada um criador, a propriedade não exerce ali o papel que estamos habituados a observar em outras regiões do distrito; cede o lugar ao capital gados, sobre o qual assenta actualmente toda a vida económica dos criadores. Todavia a mudança de rumo na actividade agrícola dos habitantes, que os vai levando para a cultura intensiva da batata, considerada mais remuneradora que a criação do gado, poderá num futuro próximo, aliada a outros projectos de aproveitamento das terras baldias, levar ao aniquilamento quasi total da raça barrosã e à substituição das pastagens e lameiros por extensos batatais, grandiosas florestas,

etc., riquezas inestimáveis, é certo, mas que não substituem no Minho as juntas de trabalho, no campo os estrumes, nos centros de consumo a carne, na indústria os curtumes, ... e não sei quantas mais utilidades de carácter regional e geral, tódas também inestimáveis e essenciais.

Pelo arrolamento que se acaba de efectuar, contra a expectativa de alguns, verifica-se que o número de cabeças bovinas se manteve de 1934 para cá com uma ligeira oscilação positiva de pouco mais de três centenas de cabeças. No cálculo do efectivo barrosão considerámos o total de bovinos manifestados em Boticas e Montalegre, desprezando algumas cabeças turinas e seus cruzamentos e um ou outro bovino maronês que porventura exista nas freguesias orientais e do sul do concelho de Boticas, convictos de que assim compensámos algumas faltas ao manifesto, além de nos facilitar, como é óbvio, a estimativa do número de cabeças desta raça.

Se é certo que os resultados obtidos com o arrolamento nos consolam, no ponto de vista do seu melhoramento o gado barrosão atravessa no seu solar uma crise particularmente delicada e, à medida que os anos vão passando, cada vez se enraíza mais no nosso espírito a convicção da necessidade urgente do Estado auxiliar e colaborar com os criadores na reabilitação desta raça bovina, a primeira entre as primeiras, como a considerava o mestre ilustre e notável zootecnista Bernardo Lima.

Juntem-se ao desmazêlo e ao desinterêsse manifestado pelo criador na produção de reses de boa qualidade, de causas longinquas e recentes, os efeitos duma ruptura do equilíbrio estabelecido desde há séculos entre a exploração pecuária e a exploração das terras e avalie-se a grandeza do desastre reservado ao gado de Barroso.

As medidas atinentes ao melhoramento e progresso da exploração desta casta, condensadas em trabalhos publicados oficialmente, são do domínio público. Resta apenas sancioná-las e dar-lhes execução antes que os anunciados factores de perturbação intervenham.

RAÇA MIRANDESA

Ramo da raça fusca castelhana, esta casta bovina tem o seu solar no planalto mirandense, entre o Sabor e o Douro. A sub-raça bragancesa, assim denominada por Bernardo Lima, deriva da raça mirandesa e é criada nos concelhos de Bragança e Vinhais.

Tanto o mirandês como o bragancês penetram no distrito de Vila-Real pelos concelhos de Valpaços e Chaves, onde são recriados e empregados nos trabalhos de lavoura. Na veiga de Chaves os bois mirandeses substituíram os bois galegos da região espanhola fronteiriça (os bois limiezes, larouqueses e vianeses, da provincia de Orense), étnicamente do mesmo grupo e outrora preferidos pelos lavradores daquela veiga.

Dada a proximidade dos solares da raça mirandesa e da sub-raça bragancesa, na região de Chaves e Valpaços os bovinos desta casta não exigem mais cuidado que não seja a alimentação farta e rica, de molde a facilitar o desenvolvimento do seu esqueleto e das massas musculares em satisfação de uma boa recria

e das condições da sua exploração no trabalho. Na cobrição das fêmeas devem-se empregar exclusivamente touros da casta e fugir ao cruzamento com o maronês, como é do nosso conhecimento a sua efectivação no concelho de Valpaços.

O bovino mirandês está representado aproximadamente por 7.334 cabeças no valor de 8.745.700\$00, portanto 11,39 % do valor total dos gados na área da Intendência de Pecuária de Chaves e 0,155 % do valor do efectivo vacum do distrito.

SUB-RAÇA PAIVOTA

Calculamos para o gado paivoto uma representação de 147 cabeças, dispersas pelos concelhos de Vila-Real, Santa Marta de Penaguião, Sabrosa e Pêso da Régua, no valor de 180.550\$00, ou sejam 0,65 % do valor da massa bovina do distrito.

As vacas paivotas estão a ser preferidas pelos lavradores da freguesia da Campeã, do concelho de Vila-Real, por as considerarem mais leiteiras e melhores criadeiras que as vacas maronesas. Resta-nos apreciar o seu comportamento futuro numa região completamente diferente da de origem deste gado e onde o lavrador, além de não dispor de forragens em abundância, colhidas de terrenos pobres em cálcio e ácido fosfórico, as vai submeter à mesma falta de cuidados e às mesmas privações, circunstâncias por virtude das quais não será de esperar que os rendimentos aumentem com a substituição de umas por outras.

RAÇA TURINA

Muito espalhada pelo distrito, ora em grandes núcleos à volta de Vila-Real, Chaves e Pêso da Régua, ora em pequenos grupos junto às sedes dos concelhos de menor consumo de leite, ou ainda dispersa pelas quintas de região duriense. Nesta última, que não explora o gado bovino de trabalho, o proprietário da quinta duriense prefere esta raça pela produção de leite, que entra na sua alimentação em natureza ou transformado em manteiga, e pelo estrume, que utiliza na adubação das hortas.

Calculamos que 1.000 vacas das 1.160 registadas nos serviços da campanha profilática contra a tuberculose produzam anualmente 1.200 litros de leite por cabeça em 240 dias de lactação, ou a média diária de 5 litros. Desta produção, 654.500 litros vão abastecer Vila-Real, Chaves e Pêso da Régua, os maiores centros de consumo do distrito.

Foram manifestadas em ambas as Intendências de Pecuária 1.984 cabeças no valor de 1.886.350\$00, o que representa 3,37 % do valor do efectivo bovino do distrito.

Na Intendência de Pecuária de Vila-Real foram declaradas 1.299 cabeças no valor de 1.194.550\$00, e na de Chaves 685 no de 691.800\$00, o que, em relação ao valor dos efectivos específicos apurados em cada uma, corresponde a 4,32 % na primeira e a 0,9 % na segunda.

OVINOS

Este gado, constituído sobretudo por bordaleiros churros, ocupa numericamente o primeiro lugar entre os efectivos específicos. Representado por 173.364 cabeças, cabem 30.451 à Intendência de Pecuária de Vila-Real e 142.913 à de Chaves no valor de 2.508.215\$00 e 10.687.308\$00, respectivamente.

Na Intendência de Pecuária de Vila-Real os ovinos atingem 9,09 % do valor dos gados manifestados e 13,92 % na de Chaves.

São os bordaleiros nas suas duas variedades, os *serranos*, *bravos* ou *galegos* e os *mansos*, que representam a espécie ovina no distrito.

Os caracteres somáticos, comuns a uns e outros, salvo algumas diferenças na corporatura e qualidade da lã, são:

Cabeça pequena de perfil convexo, deslanada nas faces, chanfro e focinho; chifres brancos ou pretos em forma de espiral, com as pontas reviradas para fora e ponteagudas (as fêmeas, de uma maneira geral, desprovidas desses apêndices); chanfro convexo; orelhas grandes e finas. Pescoço comprido, pouco musculoso e sem barbela; linha dorso-lombar recta; garupa oblíqua e cauda comprida. Membros finos e desaprumados, os anteriores deslanados e os posteriores cobertos de lã até à articulação fêmuro-tibial. Pele fina, elástica e coberta de lã branca ou preta (os indivíduos de lã branca em número muito superior, mais de 75 %).

O pêso vivo varia conforme se trata de serranos ou de mansos. Em média os machos da primeira variedade pesam 20 quilogramas e as fêmeas 15; os da segunda 35 quilos e as fêmeas 30.

Os ovinos bordaleiros são desprovidos de precocidade, consequência das privações de toda a ordem, que sofrem durante a vida.

Os serranos, de pequena estatura e velo pouco atochado, produzem lã feltrosa ou churra com fêveras de comprimento variável dispostas em madeixas ponteagudas. Muito mais resistentes e sóbrios que os da variedade mansa, vivem há muito nas serras em regime de vezeira, submetidos à acção das intempéries, sem abrigo que os resguarde das inclemências do calor e do frio.

A variedade mansa não povoa as grandes altitudes. Animais da Terra Quente e com bem maior estatura que os serranos, consoante a qualidade do velo, cuja lã não representa um tipo uniforme, como fácil é de reconhecer, podem dividir-se em *bordaleiros feltrosos*, *churros*, *comuns* ou *meirinhos* e *surrobecos*.

O bordaleiro feltroso, que possui velo sugoso, pouco tochado e de pêlos cabrios e lanosos, domina nos concelhos de Chaves, Boticas e Montalegre.

O bordaleiro churro, com velo de lã ordinaríssima (muito pouco ou nada sugoso e de pêlos cabrios muito compridos e lisos), domina na parte leste do distrito.

Os meirinhos ou bordaleiros comuns, que dominam no concelho de Mesão-Frio e só muito raro aparecem nos outros concelhos, são os que merecem mais e melhores cuidados do lavrador trasmontano; a sua lã, de fêveras curtas e frisadas, forma um velo de madeixas cilíndricas e relativamente tochado.

O surrobeco, como se denomina o bordaleiro comum com os filamentos lanosos castanhos na base e mais claros na ponta, é exemplar raro.

As tosquiias, feitas uma vez por ano, principiam em Março no sul do distrito, mais tarde no norte; no concelho de Montalegre fazem anualmente duas tosquiias.

A lã, quasi tôda aproveitada na indústria caseira, fiada e depois trabalhada nos velhos teares manuais, dá um tecido muito grosseiro.

O leite pouco ultrapassa o necessário para o sustento das crias, o que se compreende por falta de alimentação e da ginástica funcional.

A creatopoeise tem grande importância na economia de região; a exportação de anhos e de animais adultos (machos de três anos depois de castrados e fêmeas de seis) faz-se em larga escala para os grandes centros de consumo. Os concelhos de Valpaços e Chaves exportam anualmente milhares de cabeças para abastecimento das cidades de Coimbra, Pôrto e principalmente Lisboa.

CAPRINOS

Ocupam os caprinos o segundo lugar na representação numérica dos gados declarados no distritos de Vila-Real com o total de 130.626 cabeças, 36.329 das quais manifestadas na área da Intendência de Pecuária de Vila-Real e 94.297 na de Chaves, onde o seu valor atinge na primeira 2.402.310\$00 e na segunda 6.047.070\$, ou sejam 8,70 % e 7,89 % do valor dos efectivos pecuários apurados em cada uma.

Os caprinos trasmontanos dividem-se em duas castas — a *serrana* e a *mansa* ou *meirinha*.

A cabra serrana, de pêlos curtos e ásperos e reduzida corpulência, tem cabeça pequena com orelhas curtas e chifres dirigidos para cima e as pontas para trás, pescoço comprido e membros finos com unhas rijas e pequenas; a pelagem é castanha e o aparelho mamário de reduzido volume.

A mansa ou meirinha, preta ou malhada e mais corpulenta que a serrana, tem pêlos compridos e o órgão mamário desenvolvido.

Na galactopoeise a mansa possui vocação superior à serrana e de ambas o leite é destinado à amamentação das crias e à alimentação humana em estado natural ou em lacticínios.

O comércio de cabritos atinge nesta região volume económico importante.

SUÍNOS

Declarados nas áreas das duas Intendências de Pecuária 40.207 suínos, 13.671 na área da de Vila-Real e 26.536 na de Chaves, cujo valor é de 5.095.000\$00 na primeira e de 11.291.100\$00 na segunda, ou 18,44 % do valor dos gados manifestados na área da de Vila-Real e 14,70 % na área da de Chaves.

A raça dominante é a bísara ou céltica com as seguintes características:

Cabeça grossa de perfil côncavo e orelhas grandes e pendentes; focinho comprido; tronco bastante alongado e com o dorso arqueado; membros altos e grossos; grande corpulência e esqueleto desenvolvido; pelagem branca ou malhada de prêto. O peso médio dos indivíduos desta raça oscila entre 80 a 100 quilogramas.

Nestes últimos anos têm-se introduzido alguns exemplares de raças precoces,

especialmente da Yorkshire, pelo que são hoje muito freqüentes os produtos do cruzamento desta raça com a bísara.

A ceva dos mestiços, que engordam mais fácilmente e atingem maior pêso, torna-se por isso mais eonómica.

ANIMAIS DE CAPOEIRA

Constam do efectivo apurado nas áreas das duas Intendências de Pecuária numerosas raças nacionais e estrangeiras, cuja exploração, feita no mais verdadeiro sentido doméstico, constitui inestimável fonte de recurso de tôda a casa agrícola e até do simples cabaneiro.

Na Intendência de Pecuária de Vila-Real apuraram-se 103.368 cabeças (89.090 aves e 14.278 coelhos) no valor de 718.574\$00 e na de Chaves 152.748 (117.083 aves e 35.665 coelhos) no de 1.002.144\$00, o que, em relação a 1934, traduz o aumento de 9.822 cabeças na área da primeira e 21.324 na da segunda.

Intendência de Pecuária de Vila-Real, em 31 de Agôsto de 1941.

O Intendente de Pecuária

José David Simões